



Qualis C ISSN: 2178-2008

RESENHA

Listas de conteúdos disponíveis em [DOAJ](#)

Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros



Resenha do artigo “A vantagem competitiva das nações e a vantagem competitiva das empresas: o que importa na localização?”

The competitive advantage of nations and the competitive advantage of companies: what really matters in location?

Recebido: 10/04/2024 | Aceito: 18/05/2024 | Publicado *on-line*: 20/06/2024

Paulo Cesar Rodrigues Borges¹

<https://orcid.org/0000-0002-7398-7905>

<http://lattes.cnpq.br/4275937790613243>

Instituto de Educação Superior de Brasília, DF, Brasil

E-mail: pcrborges.eng@gmail.com

Luiz Fernando Cordeiro Nogueira²

<https://orcid.org/0009-0006-8056-7307>

<http://lattes.cnpq.br/2743039316959681>

Instituto de Educação Superior de Brasília, DF, Brasil

E-mail: lfcn2014@gmail.com.

Luciana Alves dos Santos Peres³

<https://orcid.org/0009-0000-0850-7306>

<http://lattes.cnpq.br/2488162546780315>

Instituto de Educação Superior de Brasília, DF, Brasil

E-mail: luciana.a.peres@gmail.com.

Viviana Maciel Vieira Bastiani⁴

<https://orcid.org/0009-0007-2409-424X>

<http://lattes.cnpq.br/9417550723538308>

Instituto de Educação Superior de Brasília, DF, Brasil

E-mail: viviana.bas@hotmail.com.br.



Resenha da obra:

SILVA, Martim Francisco de Oliveira e; SILVA, Jorge Ferreira da; MOTTA, Luiz Felipe Jacques da. A vantagem competitiva das nações e a vantagem competitiva das empresas: o que importa na localização? **Revista de Administração Pública**. Vol. 46, nº3, Rio de Janeiro, 2012.

¹ Dr em Ciência da Informação pela UnB; Engenheiro pelo IME. Prof. do Me. em Planejamento e Gestão Estratégica das Organizações do IESB e dos cursos de Administração Pública, Contabilidade e Gestão da Faculdade Processus.

² Mestrando em Gestão Estratégica de Organizações do IESB; Graduado em Ciências Econômicas, Faculdade Cândido Mendes RJ, Cândido Mendes, FGV/DF, Brasil.

³ Mestranda em Gestão Estratégica de Organizações do IESB; Graduada em Administração de Empresas, FIPLAC.

⁴ Mestranda em Gestão Estratégica de Organizações do IESB; Tradutora em Inglês pela Universidade de Brasília. Empregada do Banco do Brasil.

Resumo

Esta é uma resenha do artigo intitulado ". A vantagem competitiva das nações e a vantagem competitiva das empresas: o que importa na localização? Este artigo é de autoria de Martim Francisco de Oliveira e Silva, Jorge Ferreira da Silva e Luiz Felipe Jacques da Motta. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico **Revista de Administração Pública**. Vol. 46, nº3, Rio de Janeiro, 2012.

Palavras-chave: efeito país; competitividade dos países; desempenho de empresas; vantagem competitiva das nações; vantagem competitiva das empresas.

Abstract

This is a review of the article titled ". The competitive advantage of nations and the competitive advantage of companies: what matters about location? This article is authored by Martim Francisco de Oliveira e Silva, Jorge Ferreira da Silva and Luiz Felipe Jacques da Motta. The article reviewed here was published in the journal Revista de Administração Pública. Vol. 46, nº3, Rio de Janeiro, 2012.

Keywords: *country effect; country competitiveness; firm performance; competitive advantage of nations; competitive advantage of firms.*

Resenha

O presente texto, em forma de resenha, trata da apreciação do artigo anteriormente mencionado e autoria identificada.

A formação e a experiência dos autores deste artigo contribuiu para a reflexão dos temas aos quais se propuseram escrever. A seguir, um breve currículo de cada um deles, para que se possa melhor conhecê-los.

O primeiro autor deste artigo é Martim Francisco de Oliveira e Silva, graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984). Possui mestrado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 1991) e Doutorado em Administração de Empresas pela PUC-Rio (2009). Engenheiro no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Atua como professor no Instituto de Administração e Gestão (IAG) da PUC-Rio. CV: <http://lattes.cnpq.br/5386405005191869>

O segundo autor é Jorge Ferreira da Silva, professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduado em Engenharia Eletrônica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1972), Mestre em Administração de Empresas (1983) e Doutor em Engenharia de Produção pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997). Foi diretor da Cobra Tecnologia S/A, Medidata Informática S/A e Vice-Presidente da *holding* têxtil do Sistema Cataguazes-Leopoldina. Foi Coordenador de Pós-Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio de 2000 a 2015. É Coordenador da Área de Estratégia da PUC-Rio, Consultor ad hoc do CNPQ, CAPES, FAPESP, FAPERJ e Membro dos Conselhos Editoriais da RAC, Gestão e Sociedade, FACES, Pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisas em Negócios Internacionais da PUC-Rio, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1A e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. Foi Diretor Científico e Presidente da ANPAD de 2009 a 2014. CV: <http://lattes.cnpq.br/5422276244335274>

O terceiro autor é Luiz Felipe Jacques da Motta, graduado em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1972), mestrado em Pesquisa Operacional pela George Washington University (1975), mestrado em

Administração pela University of Southern California (1978) e doutorado em Administração de Empresas/Finanças e Investimentos pela University of Southern California(1979). CV: <http://lattes.cnpq.br/6274582437809333>

O artigo é dividido nos seguintes capítulos: resumo, palavras-chave, *abstract*, *keywords*, introdução, revisão da literatura, hipóteses obtidas a partir da revisão da literatura, procedimentos metodológicos, limitações, análise dos resultados, conclusões e novas pesquisas.

No resumo deste artigo consta:

Há dois enfoques dominantes para explicar o desempenho das empresas: a visão da Organização Industrial e a Visão Baseada em Recursos, ambos amplamente pesquisados. Entretanto, a relação entre o desempenho das empresas e a competitividade das nações ainda é pouco explorada. Este estudo buscou verificar se o desempenho das empresas se relaciona ao ambiente de seus países e quais fatores destes são mais relevantes. Foram encontradas evidências da relação entre os indicadores de competitividade dos países e o desempenho sustentável de suas empresas. O estudo relacionou de maneira pioneira os conceitos da vantagem competitiva das nações e da vantagem competitiva das empresas, testou empiricamente o modelo do Diamante Competitivo do professor Michael Porter, destacou três variáveis habitualmente negligenciadas na linha de pesquisas das fontes de desempenho de empresas (a Sofisticação dos Compradores, o PIB e as Compras Governamentais) e criou um indicador de desempenho que também traduz sua sustentabilidade, associado à linha da pesquisa da persistência dos retornos extraordinários (OLIVEIRA E SILVA; SILVA; MOTTA, 2012).

Neste artigo, os autores buscaram demonstrar a influência da localização dos países sobre o desempenho das empresas existentes nesses países, sendo os diferentes ambientes institucionais, culturais, políticos e econômicos os fatores responsáveis pelos resultados no desempenho das empresas.

Os autores expressaram a problemática de pesquisa com a seguinte pergunta: "As variáveis associadas à competitividade das nações influenciam o desempenho das empresas em seus países?". Na pesquisa buscou-se associar o desempenho das empresas às características mais gerais do ambiente da localização dos seus países, que se diferenciam por culturas, ambientes políticos e econômicos e esta formulação da questão de pesquisa vai ao encontro desse intento.

A relevância do tema é justificada pela necessidade de governos em identificar quais as reformas institucionais e como a alocação de recursos devem promover ações para oferecer ambientes favoráveis que contribuam para um bom desempenho de suas empresas.

Os autores do artigo se basearam em duas perspectivas de desempenho das empresas, sendo uma delas “a visão da indústria” e a outra, “a visão da empresa”. A primeira condiciona seu resultado em termos de desempenho, eficiência e oportunidades de negócios. (Bain, 1951, 1956; Caves e Porter, 1977; Mason, 1939; Porter, 1980), Já na segunda perspectiva, os resultados são proporcionados em função das habilidades, compromisso com uma posição competitiva ou sorte. (Amit e Schoemaker, 1993; Dierickx e Cool, 1989; Penrose, 1959; Peteraf, 1993; Wernerfelt, 1984)

De acordo com Barney (1996) e Porter (1980,1985), os autores apuraram que o desempenho das empresas se relaciona ao conceito de vantagem competitiva e a prosperidade dos países associa-se ao conceito de vantagem competitiva das nações. (Fagerberg, 1988; Krugman, 1994; Porter, 1990, 1998; Porter et al., 2007;

Scott e Lodge, 1985; Sala I Martin et al., 2007). Continuaram nessa linha de raciocínio, afirmando que a competitividade das nações, de acordo com Porter (1990) e Porter e colaboradores (2007), influencia não apenas a qualidade de vida de suas populações, mas também o desempenho de suas empresas.

Os autores comentaram que, de acordo com Porter (1990), os ambientes de algumas nações seriam mais estimulantes para o progresso de certas indústrias, sendo identificados quatro atributos nesses ambientes das nações que se interrelacionam: condições dos fatores; estratégia, estrutura e rivalidade; condições da demanda e, por fim, indústrias relacionadas. Todos relacionados à ideia central de que quanto mais competitivo for um país, maior será a sua produtividade (Porter, 1990).

Dando sequência à linha de raciocínio anterior, os autores formularam a seguinte hipótese: “Quanto maior a competitividade dos países, segundo seus indicadores de competitividade, melhor o desempenho sustentável de suas empresas, em termos de seu valor de mercado/valor contábil, ajustado por sua volatilidade”.

No estudo, os autores estabeleceram a construção de *rankings* de índices para medir a competitividade dos países analisados, utilizando medidas contábeis referentes às exportações e investimentos no exterior desses países (Porter, 1990).

Os autores identificaram que essas classificações (*rankings*) de competitividade têm como fontes: Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio (OMC) e universidades, dentre outras.

Os autores registraram, com base no estudo proposto, que o objetivo das empresas é obter melhorias no desempenho organizacional e, conseqüentemente, o aumento de sua vantagem competitiva sobre os concorrentes, contudo, dada a complexidade do conceito de desempenho organizacional (Silva et al., 2005), as pesquisas se apoiam em modelos orientados para resultados, tratando de medidas financeiras (Venkatraman e Ramanujam, 1986) que representem a procura da maximização da riqueza para seus acionistas (Copeland et al., 1996).

As medidas financeiras de mercado postas em relevo pelos autores no estudo são: o Q de Tobin, definido como o quociente entre o valor de mercado de uma empresa e o valor de reposição de seus ativos (Montgomery e Wernerfelt, 1988; Tobin, 1969) e os índices de Treynor (1965) e de Sharpe (1966), que se basearam no conceito de Markowitz (1952, 1991), aplicados por quem for selecionar carteiras de investimentos.

Outro aspecto examinado no estudo é a sustentabilidade das organizações, cuja definição é o grau em que lucros extraordinários se mantêm de maneira persistente (Villalonga, 2004). Retornando ao objetivo da pesquisa deste artigo resenhado, o seu propósito foi o de verificar o relacionamento entre o desempenho sustentável das empresas e as características dos ambientes nos países onde atuam, com base em Smith (1776) e Porter (1990).

Os autores esclareceram que a medida de desempenho das empresas foi calculada pelo indicador Valor de Mercado/Valor Contábil, baseada no conceito dos indicadores financeiros de mercado (Barney, 1996; Chen et al., 1989; Lindenberg e Ross, 1981; Peteraf, 1993; Smirlock et al., 1984; Villalonga, 2004) e associada ao Q de Tobin (1969).

Com base no conceito “quanto mais competitivo um país, maior a produtividade de seus recursos humanos e do capital e, em decorrência, do retorno dos investimentos de suas empresas (Porter, 1990)”, a hipótese a ser comprovada no trabalho resenhado é a seguinte: “Quanto maior a competitividade dos países,

segundo seus indicadores de competitividade, melhor o desempenho sustentável de suas empresas, em termos de seu valor de mercado/valor contábil ajustado por sua volatilidade”.

O procedimento metodológico adotado pelos autores para testar esta hipótese foi composto por uma amostra de 49 países desenvolvidos e emergentes, cujas informações correspondentes à variável “desempenho” foram obtidas da base de dados do MSCI (*Morgan Stanley Capital International*), que publica o indicador Valor mercado/valor contábil (PBV), conforme proposto por Sullivan (1977) e Kim e Lyn (1986). Com os valores mensais de PBV de cada país, obtidos da base de dados citada, foram calculadas a média aritmética deste valor, o correspondente desvio padrão (SD) e a razão entre essas medidas - o quociente PBV/SD para cada país.

Para entender como variáveis específicas do país influenciam a vantagem competitiva das empresas, os autores aplicaram o modelo do Diamante Competitivo de Michael Porter (1990), que descreve a competitividade de uma nação em certas indústrias em função de quatro amplos atributos interrelacionados:

- Condições dos Fatores: qualidade e quantidade dos recursos disponíveis, como mão-de-obra qualificada e infraestrutura.
- Condições da Demanda: sofisticação e exigências dos consumidores locais.
- Indústrias Relacionadas e de Apoio: presença de fornecedores e indústrias relacionadas que são internacionalmente competitivas.
- Estratégia, Estrutura e Rivalidade das Empresas: contexto no qual as empresas são criadas, organizadas e geridas, além do nível de rivalidade doméstica.

O estudo levado a cabo no artigo resenhado examinou a aplicabilidade desse modelo, testando empiricamente como esses fatores se manifestam no contexto brasileiro e em outros países analisados.

Foram relatadas no artigo resenhado as limitações do estudo geradas devido à natureza intencional da amostra, ao tipo de empresa presente na de dados utilizada e também à possibilidade de existir diferentes convenções contábeis nos países pesquisados.

Os autores ressaltaram no artigo que a localização de uma empresa tem um impacto significativo em seu desempenho competitivo. Foi sugerido que as condições econômicas, políticas, sociais e culturais do país influenciam diretamente a capacidade de uma empresa de inovar e de se manter competitiva. Nesse caso, três variáveis foram identificadas como particularmente importantes: a sofisticação dos compradores com a presença de consumidores exigentes incentiva as empresas a inovarem continuamente; o Produto Interno Bruto (PIB), tendo em vista que as economias mais robustas oferecem um ambiente mais estável e recursos para investimentos em inovação e desenvolvimento e, por fim, as compras governamentais, em que os governos que incentivam a competitividade e inovação por meio de suas políticas de compras podem fornecer um mercado estável e favorável para as empresas inovadoras.

Foi constatado que os indicadores de competitividade dos países associaram-se à medida de desempenho da razão valor mercado/valor contábil, ajustado pela sua volatilidade, o que corroborou a hipótese formulada.

A análise empírica dos estudos também assinalou a importância da integração das perspectivas econômicas, sociais e políticas para formar uma visão holística da competitividade nacional. A capacidade de um país de criar um ambiente propício à inovação e competitividade é fundamental para a prosperidade de suas empresas e, conseqüentemente, para a riqueza nacional.

Os resultados indicaram a importância do “efeito país” para o desempenho das empresas e concluiu-se que as empresas devem buscar se expor a um ambiente exigente, tal que, por meio de processos de melhoria contínua, sejam levadas à inovação, gerando a redução dos custos ou a diferenciação dos produtos, de modo a melhorar a relação valor/custo para os seus compradores.

Em síntese, foi possível identificar quatro contribuições do estudo desenvolvido no artigo resenhado:

1. Interação entre Desempenho e Competitividade Nacional: Pioneirismo ao associar indicadores sociais, econômicos, políticos e culturais à vantagem competitiva das empresas.
2. Teste Empírico do Modelo do Diamante Competitivo de Porter: Identificação de quatro atributos no ambiente das nações que influenciam o desempenho empresarial.
3. Variáveis Relevantes: Sofisticação dos compradores, PIB e Compras Governamentais, ressaltando a pressão por inovação e o papel do governo.
4. Novo Indicador de Desempenho: Criação de um indicador que traduza a sustentabilidade do desempenho (relevante para pesquisas futuras em estratégia empresarial).

O artigo ofereceu uma análise abrangente sobre como variáveis associadas à competitividade das nações influenciam o desempenho das empresas, lançando luz em diversos pontos valiosos para governos, empresas e pesquisadores. A integração dos conceitos de vantagem competitiva das empresas e das nações pôs em evidência a complexidade e interdependência dos fatores que influenciam o desempenho empresarial em diferentes contextos nacionais.

Por fim, como aspectos relevantes, o artigo não só reforçou a importância do ambiente nacional para a competitividade empresarial, mas também sugeriu que políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de mercado e estímulo à inovação são cruciais para o desenvolvimento econômico sustentável.

Referências

AMIT, R.SCHOEMAKER, P. Strategic assets and organizational rent. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 14, n. 1, p. 3346, 1993.

BARNEY, J.B. *Gaining and sustaining competitive advantage*. Upper Saddle River: AddisonWesley, 1996.

BAIN, J.S. Relation of profit rate to industry concentration: American manufacturing, 1936-1940. *Quarterly Journal of Economics*, Cambridge, v. 65, n. 3, p. 293-324, 1951.

BAIN, J.S. *Barriers to new competition: their character and consequences in manufacturing industries*. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

CAVES, R.E.; PORTER, M.E. From entry barriers to mobility barriers: conjectural decisions and contrived deterrence to new competition. *Quarterly Journal of Economics*, Cambridge, v. 91, n. 2, p. 241-261, 1977.

CHEN, K.C.; HITE, G.L.; CHENG, D.C. Barriers to entry, concentration, and Tobin's Q-Ratio. *Quarterly Journal of Business and Economics*, Lincoln, v. 28, n. 2, p. 32-49, 1989.

COPELAND, T.E. et al. Valuation: measuring and managing the value of companies. New York: John Wiley & Sons, 1996.

DIERICKX, I.; COOL, K. Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. *Management Science*, Hanover, v. 35, n. 12, p. 1504-1511, 1989.

KIM, W.S.; LYN, E.O. Excess market value, the multinational corporation, and Tobin's QRatio. *Journal of International Business Studies*, Chula Vista, v. 17, n. 1, p. 119-125, 1986.

KRUGMAN, P.R. Competitiveness: a dangerous obsession. *Foreign Affairs*, New York, v. 73, n. 2, p. 284-44, 1994.

LINDENBERG, E.; ROSS, S. Tobin's Q-Ratio and industrial organization. *Journal of Business*, Chicago, v. 54, n. 1, p. 1-32, 1981.

MARKOWITZ, H. Portfolio selection: efficient diversification of investments. Cambridge: Blackwell Publishing, 1991.

MARKOWITZ, H. Portfolio selection. *The Journal of Finance*, Oxford, v. 7, n. 1, p. 77-91, 1952.

MASON, E.S. Price and production policies of largescale enterprise. *American Economic Review*, Nashville, v.29, n. 1, p. 61-74, 1939.

MONTGOMERY, C.A.; WERNERFELT, B. Diversification, Ricardian rents, and Tobin's q. *Journal of Economics*, Dordrecht, v. 19, n. 4, p. 623-632, 1988.

PENROSE, E. *The theory of the growth of the firm*. New York: John Wiley and Sons, 1959. (Reimpresso por Oxford University Press, Oxford, 1995).

PETERAF, M.A. The Cornerstones of competitive advantage: a resourcebased view. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 14, n. 3, p. 179-191, 1993.

PORTER, M.E. *Competitive strategy: techniques for analyzing industries and competitors*. New York: The FreePress, 1980.

PORTER, M.E. *Competitive advantage*. New York: The Free Press, 1985.

PORTER, M.E. *The competitive advantage of nations*. New York: The Free Press, 1990.

PORTER, M.E. Clusters and the new economics of competition. *Harvard Business Review*, v. 76, n. 6, p. 77, 1998.

PORTER, M.E. et al. The microeconomic foundations of prosperity: findings from the microeconomic competitiveness index. In: WEF — WORLD ECONOMIC FORUM. *The global competitiveness report 2007/2008*. New York: Palgrave MacMillan, 2007. p. 518-1.

SALA-I-MARTIN, X. et al. The global competitiveness index: measuring the productive potential of nations. In: WEF — WORLD ECONOMIC FORUM. *The global competitiveness report 2007/2008*. New York: Palgrave MacMillan, 2007. p. 3-50.

SHARPE, W. F. Mutual fund performance. *The Journal of Business*, Chicago, v. 39, n. 1, p. 119-138, 1966.

SCOTT, B.; LODGE, G.C. *U.S. competitiveness in the world economy*. Boston: Harvard Business School Press, 1985.

SILVA, J.F. et al. Mensuração do desempenho organizacional: questões conceituais e metodológicas. In: GUTIERREZ, M.; BERTRAND, H. (Org.). *Estudos em negócios IV* Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 145-176.

SMIRLOCK, M. et al. Tobin's Q and the structure performance relationship. *American Economic Review*, Nashville, v. 74, n. 5, p. 1051-1060, 1984.

SMITH, A. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations* London: W. Strahan, 1776. (Reimpresso por Penguin Books, London, 2000).

SULLIVAN, T. A note on market power and returns to stockholders. *Review of Economics and Statistics*, Cambridge, v. 59, n. 1, p. 108-113, 1977.

TREYNOR, J.L. How to rate management of investment funds. *Harvard Business Review*, n. 43, p. 63-75, 1965.

TOBIN, J. A general equilibrium approach to monetary theory. *Journal of Money, Credit and Banking*, v. 1, n. 1, p. 15-29, 1969.

VENKATRAMAN, N.; RAMANUJAM, V. Measurement of business performance in strategy research: a comparison of approaches. *Academy of Management Review*, Briar Cliff Manor, v. 11, n. 4, p. 801-814, 1986.

VILLALONGA, B. Intangible resources, Tobin's q, and sustainability of performance differences. *Journal of Economic Behavior and Organization*, v. 54, n. 2, p. 205-230, 2004.

WERNERFELT, B. A resourcebased view of the firm. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 5, n. 2, p. 171-180, 1984.